



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

(Cosmo)política do brilho

Autoria: Alberto Luiz de Andrade Neto (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Esta comunicação parte de um conjunto de pesquisas que realizei junto aos works fotográficos de Claudia Andujar, com a literatura de Davi Kopenawa e Bruce Albert e com a produção na arte contemporânea de Cristiano Lenhardt. Ela trata de retomar essas reflexões e se inclinar, com maior fôlego e com certa ênfase, sobre o "brilho" emergente dessas realizações artísticas. Por exemplo, em uma série de fotografias de Andujar o "brilho" de seus works pode apontar para um movimento de tradução do cosmos indígena amazônico. A artista faz uso desse elemento intrínseco à fotografia como uma forma de dar a ver aquilo que aprendeu junto aos Yanomami. No livro, "A queda do céu", de Kopenawa e Andujar, essa recorrência brilhante é uma correspondência direta com a cintilância dos "xapiri" (espíritos primordiais?) e seus esforços para que a floresta possa se manter de pé. Mas não só, a fulgurância também adquire uma qualidade de poder transitar entre o "lado de cá" e o "lado de lá". Já para uma série de works de Lenhardt, tentei demonstrar como o "brilho" faz parte de um exercício artístico que direciona atenção sobre os diálogos possíveis entre diferentes cosmologias. Neste caso o "brilho" seria um elemento responsável por aproximar mundos, linguagens, e evidenciar as diferenciações sobre formas indígenas e não-indígenas. É nessa direção que tento seguir por vias reluzentes e levantar discussões sobre certa (cosmo)política que o "brilho" pode luzir.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: